

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. III MONTARIAS. SUBSÍDIOS HISTÓRICOS E ETNOGRÁFICOS.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1931 | Número: 41

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. III Montarias. Subsídios históricos e etnográficos. *Revista de Guimarães*, 41 (3) Jul.-Set. 1931, p. 160-182.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Curiosidades de Guimarães

III

MONTARIAS

Continuação do vol. XLI, pág. 54)

(Subsídios históricos e etnográficos)

Os tempos foram passando e andando e os homens melhoravam passo a passo na escala dos seus serviços e obrigações.

Os inventos cresciam, as lutas eram mais temperadas por uma estratégia de planos e ataques, a cinegética apurava de processos, e pelas aldeias, no arroteio e no amanho das terras, alguns caminhos de servidão e carreiros enastravam os lugarejos, e davam mais vida ao desenvolvimento que lentamente se iniciava, no desbravar de bouças e fraldas de montes.

Assim, até meados do século passado e ainda pela maré de tempos não muito arredados, a caça aos lobos fazia-se com menos custo, embora continuasse a ser determinada e regulamentada. Eram feitas, as montarias, por certas frêguesias, que as levavam a cabo em conjunto e dentro de uma área mais acomodada e razoável.

Faziam-se, como já foi dito, pela quaresma. Os coudeís ou monteiros-mores, os organizadores e dirigentes dessas milícias beneméritas, faziam a chamada no tempo competente por toques de buzina, depois de terem avisado os monteadores directamente, mandando todos os casais o seu homem válido, armado e pronto a seguir nessa escalada de lombas e serras, valados e combros, como libertadores de santa cruzada.

Estes homens, a que chamavam monteadores, tinham as suas regalias, como se depreende de certas passagens dos livros das vereações. Os baldios eram de preferência aforados ou cedidos em divisão aos monteiros, ou aos

casais que êsses homens fôssem representar nas batidas. Algum tempo duraram essas distinções, que nem sempre eram escrupulosamente respeitadas, em virtude da usurpação e dos compadrios políticos.

Para fazer-se uma ideia das muitas resoluções camarárias de regalia aos monteiros, transcrevemos estas:

— A 11-8-1813, José Joaquim da Silva Pinheiro, pede à câmara para aforar na serra de Santa Catarina.

Atendido por ser monteador da serra ⁽¹⁾.

— A 14-1-1813, em sessão de câmara, 39 moradores da frêguesia de Gominhães pediam que os montes da Guardina e da Gateira entrassem em rateação entre êles, a que se opuseram os moradores de Souto e Prazins, porque eram monteadores em lotes nos referidos montes, e sentiam grave prejuízo na cultura de seus bens, fazendo-se o rateio pedido, e que sôbre isto traziam litígio entre si na Relação do Pôrto ⁽²⁾.

— A 7-7-1813, requerimento de D. Maria J. Teixeira, para aforar nos montes de S. Torcato. Não convieram pelo prejuízo que tinham os moradores em lhe tirarem a maior parte do monte da Sobreda, e por os monteadores dêste monte terem requerido a S. A. R. para o dividirem por sortes, entre si ⁽³⁾. Os montes da Senhora do Monte e Santa Catarina foram numa pequena parte divididos por aforamento aos seus monteadores.

Estes exemplos bastam. Dos mais e diversos, daremos trabalho à parte.

Prestos, quási sempre nos adros ou no lugar dos ajuntos rurais, onde faziam a sua côrte de paladinos para o discutir dos seus direitos e regalias colectivas, ali compareciam os homens da montaria, armados de espingardas caçadeiras, raiunas ferrugentas do tempo da Maria Bernarda, bacamartes de zagalotes, forquilhas de ferro, espetos, roçadoiras, pistolões galegos, facalhões, todo um arsenal diverso, pendurado desde os canos de sola que lhes resguardavam as pernas, como saões, até às peças e fachas negras que apertavam as cintas e as verguilhas desmaneiradas daqueles matulões em pé de guerra civil.

⁽¹⁾ *Livro das Vereações, de 1809 a 1813, a fôlhas 197.*

⁽²⁾ *Idem, a fôlhas 143 v.*

⁽³⁾ *Idem, a fôlhas 180 v.*

E vèlhos ainda muito direitos no carrêgo dos seus anos, pimpões que deram na idade os costados ao correame da tropa e perderam o susto no bilhardar das balas jogadas de banda a banda nas guerras e guerrilhas de muita dura, e rapagões fortes como castanheiros desempenados, figuras para casar, pelo valor da sua fôrça, do seu peito e dos seus braços de um só canelo, queimados pelo sol em abandôno de resguardo na labuta do trabalho, todos ali iguais, destemidos e obedientes, prontos a caminhar em caravana, para a batida assobiada dos montes.

Manhã cedo, pelo pipilar despertado dos pardais, cães gozos no latir de defesa à frente de seus donos, de defesa e de contentes ao abocar da primeira côdea, lá seguia tudo, como para uma festa de clamor, gritaria e algazarra em choque de mais de oitenta vezes, que o eco levava em aumento e de quebrada em quebrada, no arremêdo das ressonâncias constantes dessas gritarias de surriada da hoste rural.

— Aos lobos!... Aos lobos!...

Os mais novos, botifarras arreganhando a terra nas passadas fortes e dadas de salto pelas asperezas do solo, caminhavam à frente, em guarda avançada, e os do segundo plano iam batendo em palreio de *chote!... chote!...* todas as costeiras num ladeiramento serpenteado e alveitamento miúdo.

Os cães eram assubados, e por entre as malhas dos tojeiros e gretas das penedias, eram como lebres aos saltos e aos latidos num farejar arquejante e doido de saracoteio (!).

(!) E' ditado vèlho: «Cães que lobos não matam, lobos os matam» (*Rev. Lusitana*, vol 7. pág 250).

— Há mais os seguintes e conhecidos ditados: «Cão que mata lobos, lobos o matam». «Onde o lobo acha um cordeiro, busca outro». «Quando um lobo vai furtar, longe de casa vai ceiar». «Asno de muitos, lobos o comem». «Falai no lobo, ver-lhe heis a pele». «Bem folga o lobo com o coice da ovelha». «Do confado come o lobo (ou a raposa)». «Nunca o lobo mata outro». «Quando o lobo come outro, há fome no souto». «Fartura de lobo três dias dura». «O mal que faz o lobo, apráz ao corvo». «Lobo que prêsa toma, inda que se vá não cerra a bôca». «O lobo muda a pele, mas não o vèzo». «O lobo perde os dentes, mas não o costume». «Com um lobo não se mata outro». «Com cabeça de lobo, ganha o raposo». «Dois lobos a um cão, bem o comerão». «Lobo tardio, não torna vazio». «Lobo faminto, não toma assento». «O que a loba faz, ao lobo praz». «Em morrer o asno, não perde o lobo». «A poeira do gado tira o lobo de cuidado».

Eram os cães uns grandes auxiliares. Juntavam-se por vezes algumas matilhas. Matilhas gadelhudas e engalfinhadas pela variedade de canzoada pouco amiga e das relações.

○ sacudir forte dos tojais, das urzes crêspas e dos silvedos longos e encordeados como longa e frondosa vinha, das gestas, codeços e fentos altos como moreas, com coronhadas sêcas e rastejar de lâminas encabadas em grossos cacetes, fazia levantar poalha nevoeirenta, quando dêsses pontos de agasalho se erguia em fuga algum lobo, inesperadamente surpreendido.

○ primeiro grupo, que seguia sempre na vanguarda, ia postar-se, silencioso e vigilante, às ordens do comando geral, em ponto distanciado e mais próprio para fazer fogo, em descarga cerrada, aos lobos que os *batedores* e as matilhas guisalhantes fôsem desentocando e encaminhando mais ou menos na direcção já de comêço orientada, onde alapardadas estavam as bocas da metralha.

Tinham, os da vanguarda, a função de esperar, em resguardo, a fugida precipitada dos lobos, e chamavam-se os *monteadores*.

E assim, de monte em monte, de serra em serra, sempre em batidas e em cêrcos, sempre na luta perigosa da caça ao lobo.

E todos os anos e sempre, caça obrigada e sem defeso, lançada em grita, em febre e anseio, para que as aldeias e povoados não tivessem esterneitamentos vigiados pelos animais e renovos, e não fôsse arriscado passar, trindades batidas, pelas encruzilhadas e caminhos mais chegados ao escuro sombreado dos montes.

Eram essas hostes de exterminio daninho, uma organização humanitária, que a todos obrigava ao cumprimento do seu dever, para garantia e defesa, colectiva e social, de seus haveres, da sua familia e do seu torrão.

Montarias de cêrco e caça de fôjo

Havia vários processos de batidas a lobos. Quâsi cada terra com seu uso.

... *As montarias aos lobos ainda há mais tempo se não fazem, e mesmo a câmara* (refere-se à de Amarante),

que oferecia 4\$000 réis a quem matasse algum, já há muito eliminou essa verba.

Antigamente, quando os animais daninhos eram em grande número e infestavam uma certa localidade, reüniam-se os povos das freguesias limítrofes em local e hora previamente determinados, à ordem do Monteiro-Mor, e armados começavam a montaria.

Principiavam por fazer um grande cerco às matas mais densas e afoutando os cães, tocando buzinas, iam apertando pouco a pouco, obrigando os animais cercados a passar pelo sitio onde estavam os poucos caçadores munidos de espingardas e que às vezes, porém raras, tinham o prazer de matar.

No fim, se não chegavam a mais, havia pelo menos questão, e isto para se assentar a quem devia pertencer a peça de caça morta, que as várias freguesias disputavam entre si.

Se porém tocava, e era isto o mais geral, àquele que tivera as honras da caçada, êste ia de porta em porta com o animal às costas, ou em cima de um jumento, pedir alguma cousa em prêmio do seu feito. Este peditório ainda hoje é usado (à data do artigo, 1904) em quasi todo o concelho quando alguém mata um animal daninho. Mais tarde interveio a autoridade administrativa para impedir os desmandos e questões que se davam.

Os regedores são encarregados oficialmente de convidar o povo para a montaria e esta é dirigida por êles, pela pessoa mais grada da localidade, ou pelo próprio administrador. O plano é o mesmo (1).

(1) *Portugalia*, vol. II, pág. 100, artigo de José de Pinho.

O Século de 23-8-930 ainda nos dá noticia duma batida aos lobos:

* *Castelo de Vide*, 20. — Realizou-se, hoje, neste concelho, nos terrenos entre a Ribeira de Nisa, Barragem, Sarragoça e Chão Salgado, uma batida aos lobos, que, ultimamente, têm causado vários prejuizos. Na batida tomaram parte 300 pessoas, não tendo sido visto nenhum lobo.

— O mesmo diário de Lisboa, de 3-11-930 volta a falar noutra batida:

* *Ponte da Barca*, 31. — Numa batida aos lobos, feita ultimamente nos montes da freguesia do Lindoso, deste concelho, foi morto um belo exemplar, que, conforme a praxe, foi oferecido ao sr. administrador do concelho. Além dêste, foram vistos mais três lobos, que não puderam ser abatidos.

A matança de um lobo era sempre motivo de grande alegria e contentamento. Era uma festa na frêguesia, onde o bicho andava em triunfo. Só faltava o repique sineiro e o vira das festadas. O vinho, êsse corria das canecas para os gorgomilos cuspinhentos dos homens do grande ataque.

Quem matasse lobos sem ser em montarias, tinha direito a uns certos prêmios pecuniários, prêmios que através alguns séculos foram mantidos, embora alterados e ajustados ao correr dos tempos.

Para a obtenção dêsse prêmio, era indispensável um documento de garantia e fiança passado por qualquer autoridade do lugar ou frêguesia, — Juíz do subsino, monteiro-mor, coudel, etc. — sob juramento de honra, em abôno do arrojado caçador ou caçadores.

Documentos mais abonatórios e de comprovação, eram os assentos feitos na câmara, lançados pelo escrivão nos livros das actas e na presença do Juiz de fora, do caçador ou caçadores, e das peças abatidas.

Era assim o uso, que podemos confirmar pelo documento curioso que transcrevemos :

« Assento de um lobo velho que matou Francisco de Sousa coudel do fôjo de Luilhas no mesmo fôjo no limite dêste termo, o qual lobo trouxe à presença do Dr. Juiz de fora, e jurou matá-lo no dito fôjo em o dia de hoje e mandou o Juiz de fora carregá-lo neste livro e que o lhe passasse certidão para que com ela e despacho seu possa quebrar seu prêmio na forma da lei de que tudo fiz êste termo aos vinte e um dias do mês de Junho de mil e setecentos e dezanove anos e eu *Antônio de Freitas* que sirvo de secretário da câmara escrevi (1). »

Era o uso e vinha nas Ordenações do Reino: « E porque os lobos fazem grandes danos aos gados, havemos por bem que o homem que matar lobo velho haja por cada um três mil réis, e por lobo pequeno quinhentos réis. É o que emprazar (emprazar — é em linguagem da caça cercar o covil com os cães e monteiros) cachorros, e os mostrar, haja quatrocentos réis; do qual prêmio se pagará a metade à custa da nossa fazenda, e a outra à custa do povo em cujo termo fôrem mortos.

(1) *Livro das Vereações de 1719 a 1724, a folhas 12.*

E o matador mostrará a cabeça e pele do tal lobo ao Juiz do lugar, o qual mandaria fazer disso assento, e passará mandado para o almoxarife pagar logo a dita quantia à tal pessoa. E não estando o almoxarife presente no lugar, passará mandado para o recebedor das sizas, aos quais mandamos que sendo-lhes mostrado o mandado do Juiz, sem outro nosso, nem de oficial de nossa fazenda, pague o dito dinheiro. E ao almoxarife ou recebedor, ficará a pele do lobo, e terá cuidado de recadar do procurador, ou tesoureiro do dito lugar, a metade da quantia que por êle pagou. E o Juiz mandará ao tesoureiro que faça o dito pagamento ao almoxarife. E não tendo o tesoureiro dinheiro do concelho, o Juiz fará lançar fintas aos moradores dêle, da qual não será escusa pessoa alguma, pôsto que tenha privilégio de não pagar fintas, e haver-se há respeito à fazenda que cada um tiver.»

Quem mata um lobo, tira-lhe a pele e anda com ela pelas povoações, pedindo esmola. A câmara de Elvas gratifica o matador com certa quantia, cortando uma das orelhas da pele do animal ⁽¹⁾.

Em Travissais, Moncorvo, quando adregam matar algum lobo, enchem-lhe a pele com palha e empoleirado em cima dum burro andam com êle pedindo de porta em porta.

Noutras terras, onde o lobo é rarissimo, senão desconhecido, pedem com a raposa ⁽²⁾.

Montarias contra os lobos promovia-as aqui (Turquel) em tempo a câmara; hoje ainda uma vez ou outra essas correrias se fazem para caçar raposas e outros animais daninhos (os lobos desapareceram há cêrca de meio século). — Vein a propósito dizer que o campônio que consegue matar algum dêsses animais pega nêle e vai pedir para quem matou o bicho, o que lhe faculta uma apreciável receita ⁽³⁾.

⁽¹⁾ *Revista Lusitana*, vol. 11, pág. 264. — Vêr um documento de Elvas, de 1652, referente a êste mesmo assunto, na revista citada, vol. 14, pág. 92.

⁽²⁾ *Idem* vol. 25, pág. 302.

⁽³⁾ Turquel Folclórico, por J. Diogo Ribeiro, pág. 60.

— «No Algarve (Sagres), quando se caça um lobo, tira-se-lhe um dente, qualquer dos olhos, o buço (cabelos brancos de debaixo da barba), e algum sangue. Guarda-se tudo isto, «porque é bom» para certas moléstias» (*Religiões da Lusitania*, de José L. de Vasconcelos, vol. I, pág. 126).

Como todas as povoações serranas, o Soajo é freqüentemente atacado pelos lobos; para evitar, tanto quanto possível, esses ataques, organizam-se em certas épocas do ano montarias, onde têm obrigação de entrar armados de espingardos os moradores de diversas freguesias. Vão ordenados em grandes grupos, ao som de buzinas. Acozzam os lobos de maneira que todos caíam ao fôjo, que é uma cova situada no vértice de um ângulo constituído por duas extensas paredes em certa serra não muito longe do Soajo. Antigamente havia os cargos de monteiros e monteiros-mores; hoje são o abade e o regedor quem representa os monteiros e a êles pertence receber, no sítio das Forçadas de Outeiro-maior, tôda a caça de lobos feita, a qual depois se remete ao administrador ou à câmara dos Arcos de Val-de-Vez.

É crença geral que, quando se encontra uma ninhada de lobetes (lobos novos), se pode, matando um, saber, pela análise de certas veias, o número de todos os irmãos. Também se pensa que, se qualquer pessoa tem sete filhas a seguir, a sétima vai para pijeira dos lobos, com a obrigação de lhes fazer a comida, conservando porém forma humana.

*Eu fui lutar co'o lobo,
por saber bem manobrar;
dei-lhe co'a espada na perna
e da oit'ra fi-lo mancar;
e da pel' do dito lobo
fiz vinte e quatro juijeis (?),
não falando em ôdres,
mais vinte e cinco tonéis (1).*

Em Evora, cada freguesia tinha, para o efeito das batidas, uma companhia organizada, com cabos e alferes. Havia disciplina e entrava muita gente.

Autoridades, proprietários, grandes lavradores assistiam às montarias e freqüentemente nos arredores de Evora a tropa entrava no cordão; houve mesmo algumas batidas organizadas pelo regimento de cavalaria 5 (2).

(1) *Uma Excursão ao Soajo (1882)*, por José Leite de Vasconcelos, pág. 11 e 12.

(2) *Estudos Eborenses — Caçadas — (2.ª parte)*, por Gabriel Pereira, pág. 15.

Havia batidas em que entravam três e mais concelhos. As 17 companhias de Évora, que tantas eram as freguesias, e que o Monteiro-mor podia pôr em movimento, apresentavam uns 700 homens. Os mais afastados perdiam um dia, uma noite de sábado para o domingo, em marcha, e pela madrugada estavam no ponto marcado.

Com esta gente faziam um cêrco de quatro léguas de lado a lado, ou seja um círculo de dez quilómetros de raio, mais de sessenta de circunferência.

Pela manhã, marcavam as posições e as direcções da marcha, havia corrimaças, soavam os buzios e os batedores, a este sinal, partiam logo, e os caçadores perreiros começavam a marcha, rápida na primeira meia hora, apertando o cêrco. O lobo, o côrço, o cabriolo ou o javardo espantado pelo batedor fugia, parava adiante, fugia mais, depois estava cansado (1).

Montarias houve em que entraram cinco mil homens; quasi todos os anos se faziam grandes montarias officiais, entrando gente de dois, três e quatro concelhos, metendo uns três mil homens no cordão.

Aqui, em Évora, por muitas vezes o regimento de cavalaria se juntou às companhias da cidade e termo para as batidas aos lobos (2).

Nas grandes montarias dirigidas por José Paulo de Mira, o grande general dos caçadores alentejanos, os grandes grupos de caçadores iam atirando até chegar às primeiras bandeiras brancas, onde logo no começo da batida se tinham colocado as esperas; aí estacava o grande cordão; depois de se ver que o cêrco marcado pelas bandeiras brancas estava completo, tocava-se o sinal para avançar até às bandeiras vermelhas, segundas esperas; nesse segundo cêrco parava tudo; e a outro sinal só os caçadores das esperas avançavam até ao centro.

O principal motivo por que o grande caçador condenava as montarias, era a falta de disciplina, a má vontade da gente das freguesias, de muitos lavradores, em executar à risca os preceitos necessários para o bom resultado do cêrco.

(1) *Estudos Eborenses — Caçadas — (2.ª parte)*, por Gabriel Pereira, pág. 15.

(2) *Idem*, pág. 20.

Mira ainda assistiu às antigas montarias, com tropa de linha, ordenanças e milicianos.

No tempo do brigadeiro Cairo, fez-se uma montaria na serra de Alpedreira, a que foi quasi todo o regimento de cavalaria 5, em que morreram 42 lobos, 5 javardos, 6 corsos, 600 raposas, 10 gatos cravos e vários bichos menores.

Anos depois caíram em outra montaria, 22 lobos, 3 javalis, 2 corsos, 212 raposas, 4 gatos cravos e 6 gatos bravos.

Este grande caçador em vez das grandes montarias aconselha as pequenas, constituídas por pouca mas boa gente, colocando com antecedência e cautela as esperas, e espantando os lobos com foguetes, tiros de pólvora sêca, homens gritando ou tocando buzinas, e levando assim os lobos a irem ter aos atiradores das esperas ⁽¹⁾.

(1) *Estudos Eborenses, idem, idem, pág. 23 e 24.*

— Este mesmo trabalho, de pág. 26 a 28, narra os seguintes casos:

•Em Abril d'êste ano (1893), assistiram as Majestades a uma batida no termo de Alvíto. «O Bejense», de 22, dá a noticia nestes termos:

A batida aos lobos, domingo (16), não deu resultado. Morreram apenas dois. A coisa começou logo por os batedores formarem «escalão» em vez de «linha», e por fecharem mal o «círculo».

O fechar do círculo é perigoso, muito perigoso, e não se fechou com receio de as Majestades poderem ser feridas.

O resultado foi escaparem-se onze lobos que andam às portas de Beja.

Na batida tomaram parte mais de dois mil caçadores dos concelhos de Beja, Alvíto, Cuba, Ferreira, Alcácer do Sal e Vidigueira.

A batida foi dirigida pelos srs. Fialho e Jorge d'Aires.

Em geral o lobo, como todo o animal de prêsa, tem o seu campo de operações muito limitado. A batida desloca-o, mas em breve escolhe outra séde, às vezes a muitas léguas da primeira.

— O mesmo número de «O Bejense» dá noticia de outra batida em Almodôvar; mas esta parece que foi pitoresca; morreram duas raposas apenas.

— «O Manuelinho d'Evora», de 4 de Junho, dá, na 3.^a página, a seguinte noticia: Gabriel António, um rapagão natural da freguesia de S. Bento do Mato, de 25 anos e altura de 1^m,97, apresentou há dias nos paços d'êste concelho uma ninhada de nove lobos, que teriam uns quinze dias de existência, apanhados na herdade de Cabanas.

Recebeu 500 réis de prémio por cada cabeça.

Batida em Alvíto, 13 lobos; pouco depois, na herdade de Cabanas, um rapaz apanha uma ninhada de nove.

Note-se que não é esta região a que passa por mais abundante em lobos no Alentejo central. Pode haver no país mais de um milhar de lobos.

O fôjo da Cabreira, formado de duas paredes altas, que se iam reduzindo e apertando gradualmente, a fim de encurralar o lobo num bêco sem saída, terminava, lá ao fundo, numa espécie de castelo ou cisterna. O lobo, perseguido, ia seguindo rente com as paredes até ao precipício; ali chegado, hesitava em atirar-se, mas constringia-o a necessidade. Uma vez no boqueirão, os monteiros acabavam-lhe com a vida, e tiravam-no para fora por uma abertura deixada ao fundo da cisterna, e que estava tapada com uma grossa pedra.

Os nossos antigos deliciavam-se com as montarias. Era um dia de festa rija e de grandes emoções. Havia em cada frêguesia um capataz, encarregado de avisar os caçadores e de os guiar.

Cada frêguesia batia o seu montado com varapaus, enquanto outros disparavam os vêlhos bacamartes.

Tudo isto acompanhado de berros e gritos. Havia sítios especiais, de onde os capatazes, crismados com o nome significativo de velas, davam sinal uns aos outros, advertindo da existência ou não existência do lobo. Esses sinais eram dados com o chapéu pôsto na bôca do respectivo bacamarte.

Havia um ponto em que se reuniam todas as frêguesias. Então assumia o comando um só chefe, a que davam o nome de «coudel», tendo por subalternos os chefes de cada frêguesia. A batida então era impressionante, medonha, clamorosa, trágica. Se adregava de aparecer lobo, os clamores eram alguma coisa de apavorante e feroz, os ares estrugiam com as pragas.

Hoje os fôjos estão abandonados. Do chamado da «Alagôa», perto da «Pedra escrita», só restam ruínas. O dos Anjos e Agra, para lá do marco geodésico, ainda têm as paredes relativamente bem conservadas, e a cisterna intacta (1).

Curiosa e muito elucidativa é também esta descrição que segue:

No Vilar para cada ano havia um «monteiro» nomeado pelo regedor, que era o que superintendia na

(1) Vieira do Minho, pelo Padre Alves Vieira, págs. 146 e 147.

organização e direcção das caçadas. Destas, a inicial realizava-se sempre na primeira sexta-feira da quaresma, sem ser preciso aviso ou convocação, porque assim estava estabelecido e o dia a marcava. Quaisquer outras eram indicadas pelo Monteiro, que as fazia anunciar por toques de buzina.

Cada casa da freguesia dava um caçador e ao que faltasse era imposta a multa de um pinto (480 réis) ou de um cântaro de vinho (12 litros). Havia local certo para a reunião dos caçadores, de onde partiam todos para a serra, para o ponto onde tinha lugar a montaria.

Dividiam-se os batedores em 3 grupos: uns, que estavam nas esperas, silenciosos, escondidos atrás de muros de pedra sêca, feitos de propósito para esse fim: eram os que tinham de fazer fogo; outros, divididos em duas compridas alas e bastante distanciados, eram as «esperas de torna» ou «montadores»: falavam alto, gritavam, para obrigarem o lobo a fugir numa dada direcção, indo lançar-se na bôca onde os outros o atacavam. Eram os que «davam» o lobo. Nisto consistiam as caçadas a tiro.

Havia ainda a caça de «fôjo». O «fôjo» é uma cova grande e profunda, aberta na extremidade de duas extensas paredes altas e capeadas, com algumas centenas de metros, cuja disposição é a de um ângulo de muito larga abertura. Ao fechar o ângulo em um pequeno corredor, este tem o «fôjo» no ponto de convergência das paredes laterais, de forma que o lobo, monteado e batido pelas «esperas de torna», é obrigado a meter-se entre as duas paredes, ao começo das quais alguns homens o perseguem a tiro, forçando-o a caminhar para a frente, no sentido da única saída que tem e por onde cai dentro do «fôjo», cuja bôca previamente foi tapada com mato e tem no fundo uma porta por onde o lobo é tirado depois de ter sido morto a tiro.

Quasi todas as freguesias possuíam o seu «fôjo» e ainda se encontram muitos pela serra.

Havia também as «caçadas gerais». Eram promovidas pelas câmaras, precedendo aviso dos regedores. Todas as freguesias em um determinado dia se reuniam na serra, batendo o monte inteiro, a dentro dos limites das áreas que lhes pertenciam.

Havia um outro «fôjo» denominado «da cabrita». Em

volta de uma rocha, em encosta, fazia-se uma parede de 3 a 4 metros de altura e capeado para dentro; punha-se no penedo um cabrito que, vendo-se só, berrava, atraindo o lobo; este ia, mas depois não podia sair, sendo logo morto de fora, a tiro ⁽¹⁾.

Como para os fôjos das frêguesias e lugares de Atães, Freitas, Cadoso, Sabroso, Outinho, Cidade Citânia, Barroso, Souto, Brito, etc., etc., nomearam coudéis, é inegável que a caça aos lobos também se fez de fôjo. A ter-se feito, os fôjos daqueles lugares e frêguesias deviam ter sido provavelmente naturais, isto é, grandes covas, barrocas extensas e fundas, em sítios mais ou menos convenientes e estratégicos, ratoeiras disfarçadas e cobertas com leveira rede de lenha e fôjo, onde caíam depois, perseguidos e acossados na direcção dessa cilada, os lobos, fazendo-se de alto, na ocasião da queda trambolhada de uma ou duas feras, um fogueiteio mais seguro e melhor aproveitado.

Os fôjos do Gerez, doutra maneira preparados, como se vê da transcrição feita, eram mais seguros e cautelosos, em virtude das medonhas colmeias de lobos que por aquelas bandas deviam rapinar e pelas extensões de serra tão áspera e tão perigosa.

Depois, vestígios que nos indiquem, como no Gerez, a natureza de fôjos caboucados, preparados, não se encontram dentro dos limites do nosso concelho.

Todavia, a indicação de *fôjo de tal* e *de tal*, é para nós revelação muito clara de que a caça se fizera de fôjo.

Sabemos mais, e isto reforça, que na frêguesia de Tãgilde, e pelas extremas dos terrenos de Taboadelo, à sorte da Pedreira, há um local denominado *Cruz do Fôjo* ⁽²⁾; em

⁽¹⁾ *Portugalia*, vol. II, pág. 648, artigo de Tude M. de Sousa.

Este mesmo escritor nos dá, a páginas 117 do volume *Serra do Gerez*, uma nota curiosa: «Vilarinho feve um fôjo mandado construir por uma senhora de Lisboa, que para si reservava o direito às peles dos lobos que lá fôssem capturados. Contra cada espécie a montaria tem a sua disposição e estratégia próprias para o ataque; a cabra, o côrço, o javali e o lobo têm meios diversos de ser caçados, proporcionando variadas sensações, oferecendo multiplicados incidentes, mostrando diversos pitorescos, mas uma prática é comum em todos elles: à entrada no povoado, se a caçada foi fructifera, há manifestações de regosijo, entrando juntos os caçadores, que atordoam os ares com descargas sucessivas.»

⁽²⁾ *Revista de Guimarães*, vol. XI, pág. 86.

Brito há o *Casal do Fôjo* ⁽¹⁾; em Souto, há o lugar do *Fôjo*, perto do monte da Guardeira; em Candoso, o conhecido *Fôjo de Vilar*, e em Infias há uma aldeia chamada do *Fôjo*, que traz a sua etimologia, inegavelmente, de haver nesse lugar covas para caçar feras.

O Abade de Tâgilde, em nota nos *Vimaranis Monumenta Histórica*, pars I, pág. 65, ao nomear o lugar de *Fogo loba*, da freguesia de S. João das Caldas de Vizela, diz: *Talvez signifique fôjo do lobo, porquanto em um monte da referida freguesia se conhece um sítio denominado Fôjo e outro denominado Fôrca do lobo.*

Em Polvoreira existe também um lugar chamado *Fôjo*, outro lugar igualmente assim denominado em S. Martinho de Sande ⁽²⁾, outro em Longos ⁽³⁾, e a serra do *Fôjo* é sobranceira às freguesias mais arrimadas entre o Sul e o Poente.

Como se viu atrás, em algumas das sessões camarárias de nomeação de coudéis, se fazem principais referências aos fôjos das freguesias e lugares de Sabroso, Freitas (hoje freguesia de Fafe), Santa Maria do Souto, Espinho (hoje freguesia de Braga), e Luilhas. Tudo isto, claramente justifica o nosso ponto de vista.

Havia fôjos importantes, como eram os de Freitas e Luilhas, terras que antigamente foram da comarca de Guimarães e hoje estão anexas a outros concelhos, para os quais nomeavam as câmaras coudéis maiores e coudéis menores.

As freguesias eram obrigadas ao consêrto e reparo dos fôjos, sobretudo aquelas que montassem dentro da área em que algum existisse. Isto mesmo se vê pelos livros das vereações.

Em sessão de 28-2-1741 appareceu um requerimento de Gonçalo Peixoto de Carneiro, coudel maior do fôjo de Luilhas, dizendo que o dito fôjo e suas paredes estavam muito baixas e o fôjo mal composto, que por êle fugiam os bichos e que necessitava de consêrto e mandaram notificar as freguesias de Sobradelo, Gontim, Felgueiras, Queimadela

⁽¹⁾ Livro de Registos da Câmara, de 1815 a 1817, a fôlhas 52 v.

⁽²⁾ Livro das Vereações de 1859 a 1861, a fôlhas 60 v.

⁽³⁾ Livro das Vereações de 1859 a 1861, a fôlhas 168.

e fôjo de Luilhas e S. Miguel do Monte para o que se passe mandado para as ditas frêguesias, com pena de seis mil réis» (1).

Em sessão de 16-6-1742, volta a ser tratado o mesmo assunto: «mandaram que pelos juizes velhos e homens das falas de Queimadela (hoje de Fafe), Felgueiras, Gontim (Fafe), e Sobradelo (Dóvoa de Lanhoso), não mandarem consertar as paredes dos fôjos de Luilhas na fórma que foram já notificados e ser passado mais de um ano, mandaram que se passasse mandado para que os juizes e homens das falas das ditas frêguesias fôsem notificados para que na forma que está mandado pelo termo feito no livro da câmara, os consertassem dentro em cinco meses, tudo debaixo da mesma pena de seis mil réis» (2).

Dizer affiançadamente, — pela grande área das montarias e pela rêde imensa das nomeações dos coudéis dentro do antigo julgado e provedoria de Guimarães — quais foram as frêguesias e lugares que tiveram fôjos naturais e as que os tiveram artificiais, é, com pequenas excepções, difícil, por nos falharem elementos de justificação.

Entanto, como atrás já dissemos, alguns seriam naturais, pelo aproveitamento em disfarce, de boqueirões esgalgados e de ravinas sequiosas na dentuça pedregulhenta das afiadas lages, ou então pelo arranjo cançado entre as gargantas estiradas dos montes âltaneiros e coleantes.

Outros, seriam artificiais, preparados pelo trabalho dos homens.

E dizemos que outros seriam naturalmente artificiais, porque vemos indicado o nome de fôjo a certos lugares e a certos montes, que difficilmente se prestariam ao disfarce natural do fôjo, por não haver môrros alcantilados nem barrocais que apoiassem a sua formação de ratoeira.

Mas não existem vestígios de paredes, de fossos ou boqueirões, pronunciadamente denunciadores dessas ciladas de fôjo, não se podendo por isso dizer como seriam formados e construídos, pelos cabouqueiros e alvanéis dos séculos passados.

O que é certo é que de muito longe nos vem o co-

(1) *Livro das Vereações de 1736 a 1742*, a fôlhas 167 e 167 v.

(2) *Livro das Vereações*, de 1742 a 1747, a fôlhas 22.

nhecimento do fôjo. Curiosas, por êste modo, serão as notas que vamos dar; curiosas e de esclarecimento e reforço.

Com o mesmo significado etimológico temos a denominação de lugares e campos que nos vem das Inquirições de D. Afonso III, na *Portugaliae Monumenta Historica*. Assim, na frêguesia de Pentieiros temos a indicação: ... *et in Fojo j. leira, et (vol. I, pág. 696)*; e na frêguesia de Fermentões: ... *et in Varzenela jacet alia vessata; e totus Fojo de via ad inferius est totus regalengus, et dant inde annuatim Domino Regi terciam partem panis. (Idem, pág. 721).*

... *et in Fojo jacet ibi j. vinea magna cum suo pomario et cum toto suo plantato est regalengus de talio Domni Gomecie usque laurarium. (Idem, pág. 721).*

Por êste conhecimento antigo, vindo dos tempos da mais acesa luta de montear e pela correspondência dos nomes que se topam ainda hoje em vários lugarejos, que poderiam ser considerados de primeira sob o ponto de vista da estratégia para a caça à bicharia montesinha, como os relatados acima (Taboadelo, Souto, Candoso, Infias, Polvereira, Vilar, etc.), e ainda pela justeza do apelidar, que era uma das características do povo antigo, pois a tudo, e principalmente aos casais e aos lugares, punha muitas vezes o chamadoiro relacionado com os factos mais impressivos ou mais ligados com o directo observar da vida correnteia que levava, por tudo isto se vê que essa caça de ciladas e covas deveria ter sido feita em todos os lugares e sítios denominados — *fôjo*.

E talvez possamos ver, quem sabe, um grande elemento de relação noutros termos antigos das mesmas inquirições, e que tanto podem, por dentro dêles caber qualquer variante, attingir ou abranger êste ou aquele ponto de especializada referência.

O raciocínio e a vontade, neste caso, podem valer no sentido da inclinação, da escolha, sem brigar muito com a sciência que regula a marcha dos casos etimológicos.

Por vezes, um nome, pela sua construção ou pela sua etimologia, pode indicar-nos a possível origem da sua correspondência, sem que entanto nos esclareça a determinante especializada. *Outeiro ou monte de cercaria*, tanto podem indicar-nos lugares cercados, murados, como serem

reputados pontos bons para cercar, bater e atacar homens e tropas, como para animais e feras. Também pode influir no mesmo pensar a devesa denominada da *Vigia*, em Urgezes (1).

¿Podem juntar-se no mesmo sentido de preparado ataque, a feras montezinhas, os termos denominados de *fôjo* e *cercaria*? Terão alguma correlatividade?

Transcrevamos, para melhor conhecimento dos entendidos: Urgezes — *Item, dixit quod subtus Montem de Cercaria jacet unus santus* (2). Creixomil — *deinde od Outarium de cercaria* (3).

E ainda hoje, espalhados pelo nosso grande concelho, ficaram as designações de campo do cêco, lugar do cêco, casal do cêco, etc.

Montarias à raposa

Mais tarde, já no declinar das montarias, inventaram-se as ratoeiras de cêpo de lobo e as ratoeiras de raposa, mesmo porque iam rareando êsses animais temíveis, que deram em séculos seguidos muito que fazer e pensar aos legisladores e ao povo, tormento constante a pairar sôbre os casais e povoados (4).

(1) *Livro de Registos da câmara, de 1794 a 1801, a folhas 20 v.*

(2) *Portugaliae M. Hist.* — Inquirições de D. Afonso III, pág. 700.

(3) *Idem, idem*, pág. 710.

(4) «Uma alcateia de lobos que estabeleceu o seu campo de ataque nos subúrbios desta cidade, tem causado grandes estragos nos gados. Na noite de 20 para 21 atacou o gado da quinta Joana Dias, matando 12 cabeças e ferindo 25, não obstante a defesa de 5 possantes cães, que tiveram de sustentar grande luta com as feras.

Parece que vai ser organizada uma batida aos temíveis bichos. »

(Correspondência de Bragança, n-º *Primeiro de Janeiro*, de 25-11-1928).

— «Os lobos continuam a descer aos povoados para a sua faina costumada.

Numa das últimas noites as feras assaltaram na freguesia das Naves o rebanho do sr. Francisco Monteiro, mordendo 74 cabeças de gado, que morreram devido aos ferimentos. O prejuízo foi avaliado em 11:000\$00. »

(Correspondência de Freixedas, n-A *Voz*, de 6-2-1929).

«Na noite última, a cêrca de um quilómetro desta localidade, os lobos mataram quinze cabeças de gado lanígero, sendo onze de José Duarte,

Depois vieram as raposas e raposos, os gatos bravos, os martos, martas, lontras, fuinhas, toirões e fuções ⁽¹⁾, uma praga variada mas de raiva mais mansa.

A' raposa também se fizeram montarias.

Eram organizadas pelas juntas de paróquia, pelas frêguesias e com atribuições iguais às que se faziam aos lobos.

A dos lobos eram obrigadas e decretadas ou régia

duas de José André, uma de Francisco Gonçalves e outra de João Pires Colmeiro.

As feras saltaram um bardo, onde estava recolhido o gado, parte do qual fugiu para esta povoação, salvando-se. As restantes cabeças fugiram em sentido contrário, sendo, então, mortas pelos lobos.

Há cêrca de quinze dias, desapareceu da quinta do Buzio, da sr.^a D. Catarina Júlia Afonso dos Santos, um cão pequeno, cujo corpo foi agora encontrado, enterrado, por outro animal da mesma espécie. Há indícios de que o cão foi morto e enterrado pelos lobos.»

(Correspondência de Freixial do Campo, n-O *Século*, de 11-6-1929).

— * Ontem, à noite, no sítio do Vale de Ferreiros, limite da frêguesia de Ladoeiro, os lobos assaltaram um bardo, pertencente ao sr. José Moreira, arrendatário daquela propriedade, matando oito ovelhas. Outros rebanhos têm sido atacados por aquelas feras que são vistas constantemente nos campos. »

(Correspondência de Ladoeiro, n-O *Século*, de 19-11-1930).

De quando em quando, estas notícias terroristas aparecem nos jornais, sem que até hoje se pensasse em medidas de severa perseguição, como em França.

*No inverno os lobos reúnem-se em bandos de tamanho variável. Como se sabe, caça-se por todos os meios, constituindo a bañida uma das mais curiosas provas venatórias. No nosso Jardim Zoológico há alguns exemplares magníficos.

Entre nós não há, que saibamos, legislação especial contra o lobo. Em França, porém, a partir de 1903 foram fixados prêmios para a destruição da maneira seguinte :

50 francos por cabeça de lobo ou loba não fecundada ; 75 francos por loba pejada ; 20 francos por cabeça de lobinho (peso inferior a 8 quilogramas). Logo que o caçador possa provar que o lobo abalido atacou seres humanos, o prêmio é elevado a 100 francos.

Ora entre as várias franceses a que prestamos simpatia, não seria de todo mau que copiássemos estas disposições para termos a esperança de rapidamente nos vermos livres da incômoda fera. »

(D-A *Voz*, de 17-11-1930).

(1) Chamam em Vizela fução ao filho do toirão (furão bravo) e da fuinha.

ou camarariamente; a das raposas ordenadas pela legislação paroquial.

Em cada freguesia e de entre todos os paroquianos era eleito um *juiz da raposa* ⁽¹⁾, assim vulgarmente conhecido e apelidado, que tinha a função de convidar o povo para as batidas e o poder de multar os que não apparecessem.

Quási sempre as paróquias e os juizes do subsino auxiliavam monetariamente estas montarias à raposa.

No livro de contas da freguesia de Urgezes, que compulsámos, lê-se por vezes, e em vários anos:— *Batida à raposa, 40 réis, 60 réis, etc.* ⁽²⁾.

Ao monte da Penha, e por aquela corda monticulada de em redor, subiram numerosissimas montarias à raposa, e há poucos anos a esta parte elas se formavam em conjunto pelas freguesias que cercam aquela serra, também conhecida pela serra de S.^{ta} Catarina.

Ainda em vereação de 11-4-1829 o coudel daquela serra, Bento José Soares, apresentou requerimento para serem condenados, José Pereira, de S. Roque, e António Cabreiro, da Fonte Santa, por trazerem o fato no monte antes do meio-dia, embaraçando assim a montaria. Foram notificados e apregoados pelo official pregoeiro Fernando

⁽¹⁾ Em Penafiel, a rica e antiga freguesia de Canelas, tinha as suas justizas especiais no velho regime. (O velho regime será anterior a 1852?).

Além do ouvidor feito a votos pelo povo e confirmado pelo senado do Pôrto, tinha a curiosa entidade chamada *Juiz da Raposa*, ou da *Montaria*, o qual por privilégio antiquissimo fazia os juizes das montarias e os coudéis de muitas freguesias circunvizinhas.

Este juiz e os seus subordinados, com todos os seus monteiros, eram obrigados a fazer as montarias em todos os sábados da quaresma, devendo ir de cada casa um homem que fôsse maior de dezoito anos.

Os que faltavam eram multados em certa porção de vinho, ou dinheiro, para êle ser comprado; e se recusavam pagar a multa, caíam-lhes em casa os juizes e os monteiros, que à força lha extorquiam, bebendo-se logo ali o vinho dessas condenações. (*Minho Pitoresco*, vol. II, pág 559).

⁽²⁾ Em Arões há o monte denominado da *Raposa* e em S. Martinho de Candoso o monte da *Raposeira*. Em S. Pedro de Azurém, há o *Casal da Vinha da Raposa*, e Lâgea, ou Campo da Pêgada, e em S. Lourenço de Cima de Selho o casal chamado do *Raposo*. Em Alâes há o lugar da *Raposeira*, e o lugar igualmente denominado da *Raposeira* na freguesia de Nespereira.

da Costa; não apareceram a alegar coisa alguma e por isso foram condenados a 1200 réis (1).

E' muito conhecida, nesla serra, a gruta da raposa.

Nos tempos de hoje, de longe em longe, lá surge pelas gargantas daquela penedia uma ou outra espantadiça raposa, a que os caçadores dão batida.

Mas nos tempos passados, quando elas formigavam em rapinagem atrevida, era curioso ver o povilêu da assaltada.

Exércitos de gente moça marinhavam a festo, aguilhadas com chuços encabados, roçadeiras em riste, caçadeiras, borrachas e cabaças de vinho a liracolo, fazendo mais trilho aos carreiros que iam aparecendo em cobra naquele espinhaço de monte.

Tinham a estridência dos séquitos ululantes e folgasões da criadagem e estribeiros que rodeavam as caçadas opulentas dos seus amos e fidalgos, lá pelas coutadas defesas.

Eram batidas mais animosas, mais movimentadas, cheias de afoiteza, porque não inspirando tanto perigo, o povo vinha de sobejo, chegava-se ao chamado, que era feito igualmente a toques de buzina, e em dia que se desfaldasse, no ponto mais elevado de cada frêguesia obrigada a dar povo para essa montaria, uma bandeira vermelha, prêsa em mastro alto. Era esta bandeira o sinal indicativo do dia, e agitada pelo vento, lá no cimo, também era o toque de juntar, de reunir (2).

(1) *Livro das Vereações, de 1825 a 1829, a folhas 284 v.*

(2) Abaixo do lugar do Monte, em Urgezes, há o penedo da Velha, onde se punha a bandeira quando se queria juntar gente para ir às raposas à Penha. Em Corvite há outro penedo com o mesmo nome. (*Manuscritos de Martins Sarmento*).

Foi antigo uso o pôr-se uma bandeira nos pontos mais culminantes de cada frêguesia, para os *chamados* e *ajuntórios* dos paroquianos, assembleias populares e sociais, onde se discutiam e resolviam todos os problemas e dirimiam todas as contendas, uso aproveitado, através dos anos e séculos, no mesmo significado drapejante, para outros avisos ao povo, entre êles, a perdurar por muito tempo, o que chamava o povo monteador para os ajuntórios das batidas à raposa.

Assim, dimanando dêsse uso, porventura, é muito conhecido, pelo seu espraído vistoso, o *Monte da Bandeira*, em Creixomil. ¿O nome virá de ter sido ali ponto onde se desfaldassem, em tempos idos, os trapos sinaleiros de aviso e ajuntório? E' que os nomes de muitos lugares, montes,

É dali, daqueles pontos onde as bandeiras davam, às respectivas frêguesias, a grita da sua ordem de marcha, pontos onde o povo se juntava e acomodava para a luta sacudida e salteada da raposa, seguiam os exércitos, cada um por sua banda, em vozear constante, entendimentos feitos de longe, com lenços, bandeirolas farrapejantes, alar mes dados por funis, tiroteios desencontrados, gargalhadas, gritos, assobiadas, até que em sítios mais campeiros os exércitos se juntavam em confraternização, acampando em descanso para um gorgolejar de bom rascante.

As bandeiras eram arreadas dos mastros e levadas à frente do povo de cada freguesia pelos *juizes da raposa*.

É era, como em muitos pontos do país, um saltar de animação, quando algum desses bichos tombava fusilado ⁽¹⁾. Eram levadas às costas, as raposas, pelas frêguesias que concorreram para a montaria, em delírio, em pagode, em amostra.

Em algumas frêguesias do nosso concelho eram elas penduradas nas sineiras das tórres.

— Em Barroso, quando alguém mata uma raposa, é costume irem pelas portas pedir ovos ⁽²⁾.

— Nas igrejas rurais, quando se mata alguma raposa, leva-se para a porta da igreja, no dia da missa, e ali se dão esmolas a quem a matou ⁽³⁾. Dêste costume, o ditado popular: *Pela semana faz a raposa com que não vá ao domingo à missa*.

— Na frêguesia de Travissais andam com a raposa morta às costas, de porta em porta, a pedir, e recebem ovos, pão, cereais, legumes, etc.

— Em Foscôa só pedem com raposas quando as caçam vivas, «a ferros» (em ratoeiras) indo com elas de

penedos e serras, andando ligados às lendas e às tradições, perfencem a etimologia popular.

— Em Condomar, no monte de S. Simão, o *Penedo da Bandeira* é o ponto mais culminante. (*Livro 2.º, manuscrito do Abade de Tãgilde*).

— Em S. Paio de Figueiredo há também um monte chamado *Alto da Bandeira*.

⁽¹⁾ Em algumas terras, de qualquer pessoa que é feliz ou tem sorte, costumam dizer que a não viu a raposa. (*Tradições de Barcelos, pág. 136*).

⁽²⁾ *Revista Lusitana*, vol. 19, pág. 79.

⁽³⁾ *Idem*, vol. 17, pág. 235.

porta em porta a puxar a um carrinho de madeira. Há grande interesse em apanhá-las pelo Carnaval, sendo este peditório motivo de grande gáudio popular.

— Em Outeiro (Viana), os caçadores costumam dar a raposa aos pobres, para estes pedirem. A princípio traziam a raposa morta às costas; mas como fôsse pesada, em breve a substituíram só pela cabeça. Como porém esta cheirasse mal, findos alguns dias, optaram pelo rabo, donde denominar-se o peditório: «pedir com o rabo da raposa» (1).

Por todo o concelho, e nos mesmos pontos das montarias aos lobos, se fizeram batidas às raposas, que eram atrevidas e rapinantes, más e bravíssimas na sanha esfo-meada do cocar manhoso da presa, quando pela maré dos milhos altos podiam descer aos campos e capoeiras, pelo abrigo e resguardo que elles lhes davam (2).

Depois, anos andados, e sobretudo à roda do nosso povoado, estas raças mestiçadas foram degenerando e desaparecendo, rareando as bicharias daninhas e enfadonhas; mas o povo, no recordar dos casos passados e do ditado que ensina: *Não crieis galinhas onde raposa mora* (3), porque a raposa ama enganar, o lobo cordeiros e a mu-

(1) *Revista Lusitana*, vol. 25, pág. 502.

(2) Por esse tempo dos milhos altos, para afugentar a raposa, costumava o rapazio fazer uma charanga de barulheira, com buzinas, ferran-chas e lotaria velha, gritando nos intervalos:

*Lá vai a raposa,
cô'a bôca aberta,
não há quem la cosa.*

— * O fígado frito de raposa é bom para certo mal. Na manhã do S. João, antes do sol nado, devem procurar-se as raposas nos campos e chamar-se-lhes muitos nomes, como porca, bêbeda, lambareira, etc., para ella não vir buscar as galinhas (Sinfães). — *Tradições Populares de Portugal*, por José Leite de Vasconcelos, pág. 188.

— *Raposa que muito tarda, caça aguarda. — Mal vai à raposa quando anda aos grilos, mas pior quando anda aos ovos.* (*Rev. Lusitana*, vol. 19, pág. 105).

(3) *Rev. Lusitana*, vol. 18, pág. 51. — Muito sabe a raposa, mas mais quem a toma.

lher louvores ⁽¹⁾, muito cauteloso e previdente foi arranjando e praticando uma variada e interessante série de superstições, no sentido de espantar e afugentar a raposa ⁽²⁾.

É desde então se tornou mais doce, mais calmo, mais sossegado, o seu viver de trabalho, a sua canseira de luta no fecundar da terra.

ALBERTO V. BRAGA.

⁽¹⁾ *Idem*, vol. 17, pág. 240.

⁽²⁾ Ver superstições sobre a maneira de espantar e afugentar a raposa, no vol. *Tradições Pop. de Guimarães*, por Alberto V. Braga, págs. 129 e 185.